



## Percursos metodológicos e teóricos da pesquisa em História do Jornalismo nas teses dos Programas de Comunicação do Brasil

*Felipe Simão Pontes<sup>1</sup> e Gislene Silva<sup>2</sup>*

**Resumo:** Pesquisa sobre teses dos cursos de pós-graduação em Comunicação no Brasil que tratam da história do jornalismo. O estudo parte das estratégias metodológicas utilizadas nesses trabalhos, levando em consideração a particularidade do Jornalismo como área de estudo e sua relação com a História. Para tanto situa a investigação metodológica em sua confluência com os aportes teórico-conceituais tanto do Jornalismo como da História, pretendendo, como objetivo central, pensar o objeto de estudo do Jornalismo<sup>3</sup>.

**Palavras-chave:** história do jornalismo, metodologia, pós-graduação em comunicação

---

<sup>1</sup> Professor substituto no Curso de Jornalismo da UFSC. Mestre em Jornalismo pela UFSC. E-mail: [felipe271184@yahoo.com.br](mailto:felipe271184@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Profa. do Departamento de Jornalismo da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. E-mail: [gislenedasilva@gmail.com](mailto:gislenedasilva@gmail.com)

<sup>3</sup> Este trabalho trata dos resultados da pesquisa realizada com apoio de edital do CNPq sobre “Estratégias teórico-metodológicas da pesquisa em história do jornalismo” (Edital CNPq 003/2008). Muito mais reflexões, análises e descrição detalhada do material empírico podem ser encontradas na dissertação de mestrado de Felipe Simão Pontes, intitulada “Teoria e História do Jornalismo”, defendida no POSJOR/UFSC, sob orientação da Profa. Gislene Silva.



## 1 Introdução

O campo da pesquisa em Jornalismo vem se fortalecendo nos programas brasileiros de pós-graduação com bastante ênfase nos últimos anos. No entanto, não são muito animadores os andamentos da consolidação de teorias, métodos e reflexões epistemológicas mais apropriadas à investigação sobre as particularidades do fenômeno noticioso – um entre tantas as expressões do campo maior da Comunicação. Observamos que a pesquisa acadêmica brasileira nesta área ganha importância e visibilidade, ao mesmo tempo que vem demandando esforços mais pontuais, como é o caso de se estudar as metodologias adotadas.

No conjunto da pesquisa acadêmica brasileira em Comunicação, são presença relevante as teses e dissertações inseridas na área da História do Jornalismo; tal como se dá em outros países, uma vez que observar o objeto do jornalismo sob a lente da História tem sido até agora a opção mais tradicional de pesquisa em jornalismo (Zelizer (2004, p. 81 e Wilkerson (1968, p. 13). Mas, igualmente às demais abordagens deste objeto de estudo, também esta se mostra problemática em suas estratégias metodológicas. É nesse contexto que esta pesquisa pretendeu fazer o rastreamento das especificidades das estratégias metodológicas das teses dos programas de pós-graduação do país inseridas no recorte da pesquisa sobre História do Jornalismo – defendidas no período de 1972 a 2006. Estudar as pesquisas em história do jornalismo atende inicialmente ao afastamento necessário para a realização de uma ‘pesquisa da pesquisa’. Seguindo o que aponta Maldonado (2003, p. 205) para a Comunicação, as problematizações teórico-metodológicas e gnosiológicas do jornalismo “[...] demandam o aprofundamento de perspectivas históricas na estruturação de suas pesquisas”. A revisão dessas perspectivas, no caso desta pesquisa, atende ao interesse de demonstrar como os diferentes pesquisadores em história do jornalismo organizam seus métodos e conceitos, de tal forma que seja possível notar como o jornalismo é encarado enquanto objeto de pesquisa.

Para tratar problemas na junção Jornalismo e de História, este estudo reiterou muitas das questões trazidas pelo confronto de teorias e métodos. Neste nosso exercício, buscamos conceitos e metodologias que enriquecem a comparação entre história e jornalismo, que promovem o conceito de história do jornalismo e estabelecem novos horizontes para a teoria do jornalismo. Tal disposição nos permitiu, como reflexão maior, mapear se e como os pesquisadores utilizam conceitos de outras disciplinas, percebendo como a história, o jornalismo e a história do jornalismo são trabalhados nessas circunstâncias.

A pesquisa tomou como atenção os procedimentos teórico-metodológicos, o percurso que cada investigador realizou para tecer a associação entre a observação do material empírico e a revisão do referencial teórico. A exigência de uma pesquisa dessa natureza, portanto, exigiu um procedimento metodológico que caracterizasse a metodologia dos trabalhos, sua espinha dorsal – como conceitua Santaella (1999) –, para o posterior, e necessário, contraponto com as questões teóricas. Entende-se aqui por estratégia metodológica adotada o recorte do objeto de estudo, sua problematização, proposição de hipóteses, encadeamento de conceitos e de procedimentos metodológicos para seleção e análise.



O objetivo da investigação foi contribuir não só para sistematizar as opções e protocolos metodológicos dessas pesquisas, mas colaborar, numa segunda instância, na consolidação das bases teóricas e epistemológicas do Jornalismo, razão de nossos métodos e metodologias. Nosso exercício é crítico, uma vez que a forma de recorte do objeto de estudo, sua problematização, proposição de hipóteses e opções teórico-metodológicas vão incidir nos conceitos de jornalismo e de história do jornalismo utilizados por essas pesquisas. Os interesses dessas teses estão no jornalismo? Ou seus percursos o transformam em uma etapa para responder questionamentos de outras áreas de estudo? Entendemos que o modo como as teses concebem o jornalismo resulta na e da formulação das suas estratégias metodológicas. Estudar um conjunto de pesquisas significativas na produção acadêmica brasileira em história do jornalismo serve para mapear o modo como o jornalismo vem sendo conceituado e observar sua potencialidade como campo teórico pertinente.

## 2 Metodologia comentada

A primeira tarefa da pesquisa foi reunir todas as teses e dissertações defendidas nos 30 programas da área. Como dez programas não possuem tese ou dissertação defendidas até 2006 (ano final do período analisado), o objeto empírico desta pesquisa retrai-se para 20 programas<sup>4</sup>. Deste modo, torna-se possível selecionar quais delas estudam jornalismo e, destas, quais estudam história do jornalismo. O ponto de partida revela o primeiro obstáculo. Não existem no país sistematizações de toda a produção dos programas de pós-graduação em comunicação. O trabalho mais avançado com esse intuito foi o realizado por Ida Stumpf (em três volumes – os dois primeiros em parceria com Sergio Capparelli e o último com Rafael Rocha e Samile Vanz), que apresenta as teses e dissertações defendidas de 1992 a 2002 por todos os programas do país. Contudo, o interesse aqui é o de reunir toda a produção de dissertações e teses resultantes da formação em curso *strictu senso* em comunicação até o ano de 2006, o que exige da pesquisa o retorno até as primeiras teses e dissertações defendidas no início dos anos 1970. Para completar a lacuna, a pesquisa dirige-se para os bancos de teses dos programas. Identifica-se então que muitos programas e bibliotecas do país não possuem os registros sistematizados de suas teses e dissertações.

A solução encontrada para transpor essa primeira dificuldade foi pesquisar no banco de teses da Capes. Essa opção incidiu em outras duas dificuldades. A primeira

---

<sup>4</sup> Os 20 programas de Pós-Graduação com dissertações e/ ou teses apresentadas até o ano de 2006 são: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero (FCSCSL), Universidade de Marília (Unimar), Universidade Paulista (UNIP), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



delas é que o banco de dados da Capes não está organizado por programa de pós-graduação. Isso significa que, para saber quais dissertações e teses são de comunicação, é necessário abrir todos os resumos de todos os programas de uma determinada universidade em um dado ano. O segundo problema é que o banco de dados da Capes possui os resumos das dissertações e teses defendidas apenas a partir de 1987. Cinco programas possuem produção anterior a essa data: USP, UMEESP, PUC-SP, UFRJ e UnB. Apenas USP e a UMEESP possuem seus dados disponíveis no sítio de seus programas. O professor Richard Romancini, que estuda essa problemática (2007), disponibilizou uma cópia da relação de todas as teses da UFRJ de 1972 a 1986 organizadas por Silva e Cavalcanti (1989) e das dissertações apresentadas na UnB de 1977 a 1982 (PORTO, 1982). No caso das dissertações da UnB de 1983 a 1986, a lacuna só foi preenchida no início de outubro de 2008, quando o programa disponibilizou em seu sítio todas as dissertações e teses apresentadas. Já o programa em Comunicação e Semiótica da PUC-SP não possui qualquer relatório de suas produções. Diante disso, o que se propõe, é cruzar o número de dissertações e teses deste programa apresentado por Silva (1988, p. 60) até o ano de 1988 com os dados da biblioteca da instituição e da pesquisa “extra-oficial” realizada por Romancini a partir dos currículos *lattes* dos professores. Vale destacar que os dados anteriores a 1987, bem como as informações de teses e dissertações que os programas não transmitem a Capes interferem no número exato de defesas. Porém, os dados apresentados nessa pesquisa apresentam um número muito próximo do real, sendo que, em muitas circunstâncias dados foram cruzados entre o banco de dados do programa, da Capes e o organizado por pesquisas como a de Ida Stumpf.

A tarefa seguinte foi selecionar entre os resumos em comunicação quais tratavam de jornalismo. Foram levadas em consideração as palavras presentes no título, no corpo do resumo ou nas palavras-chave. Foram elas: jornalismo, jornal, jornalista, imprensa, notícia, nome da empresa de jornalismo, telejornalismo, radiojornalismo, reportagem, repórter, texto jornalístico, assessoria de imprensa, personalidade teórico/prática do jornalismo e revista (menos o caso de revistas científicas).

Vencida a etapa da seleção, partimos para a leitura qualitativa dos resumos em jornalismo, visando estabelecer quais deles traziam elementos que os caracterizassem como estudo histórico. Nota-se que a maioria dos trabalhos tem, em certa medida, uma dimensão histórica. Porém, foram considerados apenas aqueles trabalhos que colocam a história do jornalismo como central para as suas abordagens a expressam de maneira mais enfática no seu resumo, título ou palavras-chave.

Mapeados os resumos das teses e dissertações em comunicação, selecionados os de jornalismo e estudados os de história de jornalismo, observamos a distribuição da produção em jornalismo e em história do jornalismo nesses programas.



**Tabela 1: TESES em comunicação, jornalismo e história do jornalismo defendidas até 2006**

	Comunicação	Jornalismo		História do Jornalismo		
PUC-RS	69	19	27,5%	02	2,9%	10,5%
PUC-SP	436	465	10,5%	20	4,6%	43,4%
UFBA	41	12	29,3%	04	9,8%	33,3%
UFF	02	00	-	00	-	-
UFRGS	06	03	50%	01	16,7%	33,3%
UFRJ	297	62	20,9%	15	5,1%	24,2%
UMESP	61	27	44,3%	09	14,8%	33,3%
UNICAMP	30	03	10%	01	3,3%	33,3%
UNISINOS	46	12	26,1%	00	-	-
USP	751	103	13,7%	30	4%	29,1%
TOTAL	1437	287	20%	82	5,7%	28,6%

5 Existem referências quanto ao número de teses em comunicação da PUC-SP, mas não foram encontrados registros indicando título, autor, ano e/ou resumo. O número de teses em jornalismo e história do jornalismo refere-se aos registros disponíveis no banco de teses da Capes de 1987 a 2006 e das pesquisas de Stumpf e Capparelli e de Stumpf, Rocha e Vanz de 1992 a 2002.



**Tabela 2: DISSERTAÇÕES em comunicação, jornalismo e história do jornalismo apresentadas até 2006**

	Comunicação	Jornalismo		História do Jornalismo		
FCSCCL	46	14	30,4%	03	6,5%	21,4%
PUC-RIO	22	08	36,4%	04	18,2%	50%
PUC-RS	192	53	27,6%	10	5,2%	18,8%
PUC-SP <sup>6</sup>	441	34	7,7%	06	1,4%	17,6%
UERJ	27	12	44,4%	03	11,1%	25%
UFBA	136	47	34,6%	06	4,4%	12,8%
UFF	101	31	30,7%	12	11,9%	38,7%
UFMG	75	25	33,3%	03	4%	12%
UFPE	72	23	31,9%	02	2,8%	8,7%
UFRGS	94	36	38,3%	04	4,3%	11,1%
UFRJ	833	171	20,5%	35	4,2%	20,5%
UMESP	463	148	32%	49	10,6%	33,1%
UnB	217	73	33,6%	15	6,9%	20,5%
UNESP	88	37	42%	03	3,4%	8,1%
UNICAMP	203	17	8,4%	05	2,5%	29,4%
UNIMAR	48	19	39,6%	03	6,3%	15,8%
UNIP	127	20	15,7%	04	3,1%	20%
UNISINOS	123	42	34,1%	06	4,9%	14,3%
USP	1460	233	16%	66	4,5%	28,3%
UTP	79	15	19%	04	5,1%	26,7%

Como demonstram as tabelas 1 e 2, o número de pesquisas consideradas história do jornalismo é significativo entre as teses e dissertações de comunicação e de jornalismo. São 82 teses e mais de 200 dissertações, quantidade que inviabilizou o estudo das estratégias teórico-metodológicas de cada pesquisa no período proposto, de dois anos. Então, devido à maior exigência de fundamentação e rigor metodológico e, igualmente, pela necessária defesa de uma hipótese, optou-se pelo **estudo dos conceitos de jornalismo, história e história do jornalismo nas teses em história do jornalismo**. Isso não significa que alguns dados sobre as dissertações e determinadas estratégias utilizadas por elas não foram averiguadas (pretende-se dar continuidade à pesquisa e dar conta do mapeamento completo). A atenção dirigiu-se as 82 teses como o recorte possível para o exercício de leitura. Todavia, o total de 82 teses continuava um número muito alto de trabalhos e, por outro lado, não existe até esse momento uma tentativa de filtrar os trabalhos que evidenciam maior importância ao jornalismo. Assim, como um segundo processo de seleção, foram identificadas cinco

<sup>6</sup> O número de dissertações da PUC-SP refere-se aos anos de 1992 a 2002. A opção em não fechar a pesquisa na instituição a partir do processo de seleção amplo e moroso a partir de todas as dissertações apresentadas aconteceu após a decisão do recorte apenas das teses, como será indicado logo a seguir. Portanto, o número total de dissertações não é conclusivo.



categorias para classificar a posição do jornalismo nas pesquisas históricas. Localizamos cinco grupos ou categorias:

**(1)** O jornalismo - enquanto atividade empresarial e profissional – considerado como um documento histórico valorativo de comprovação, ao servir para atestar fatos que aconteceram em determinada época, registrar o comportamento da população, dos hábitos de divertimentos ou da deficiência de um serviço público. Nesses casos, ele tem a função de auxiliar o historiador a contextualizar uma época ou mesmo apresentar diferentes perspectivas de um grande acontecimento. O interesse do pesquisador não é o jornalismo, mas os fatos noticiados por ele ou por outros assuntos. Em tais pesquisas o jornalismo é fonte de trabalho para o pesquisador estudar outros objetos.

**(2)** O jornalismo é recuperado com o objetivo de restaurar a memória do campo profissional, intelectual e empresarial. Constitui-se sob a forma de biografias (de jornalistas, donos de jornais, pesquisadores etc.), história de empresas jornalísticas, de jornais alternativos, de sindicatos, partidos, governos, catalogações em geral, justificação de um legado a partir da recuperação de obras pioneiras sobre o assunto, demonstração de evoluções técnicas ou de conteúdo desses jornais etc. Quando norteadas pelo interesse advindo da escola positiva, esse modo de abordagem do jornalismo pela história serve para solidificar a memória de pais fundadores, o texto é escrito sob a forma de homenagem e o interesse é antes político-institucional do que conceitual. Essa situação se repete em pesquisas que tem por objetivo recuperar a trajetória cronológica de um dado jornal, transformando em heróis seus fundadores e diretores, centralizando a abordagem na influência política, no nascimento e na morte de jornais etc. O jornalismo aparece no objeto de pesquisa, mas submete-se ao foco dirigido à empresa ou ao jornalista/ diretor/ pesquisador historiado.

**(3)** Em outras pesquisas, o trabalho do jornalista é o foco do estudo, destacando o processo da notícia, a institucionalização de rotinas, a alteração do modo de escrita, da deontologia e do discurso profissional. Para isso, o pesquisador está interessado no modo como os jornalistas trabalham em diferentes épocas, quais as estratégias para cobrir um evento, os diferentes gêneros que surgem para recortar um conjunto de fatos, como os sujeitos aparecem no texto, na organização empresarial das companhias, nas possíveis formas de controle da notícia, no modo de trabalho dos repórteres, nas diferentes formas de resposta do público etc. O jornalismo é estudado diante de um contexto dado, sem que esse contexto seja visto como mais importante do que ele. O pesquisador o considera objeto de estudo, preocupando-se com as alterações que acontecem no interior dos jornais e demais produtos jornalísticos, na organização e nas práticas do jornalismo como formas de responder por que o jornalismo funciona do modo como funciona.

**(4)** O jornalismo também pode ser estudado como ator que interfere diretamente na realidade. Nesse caso, o pesquisador pretende reconhecer como o papel dessa atividade interfere e modifica o contexto social de um determinado período auxiliando na constituição de imaginários sociais, de tendências políticas e participando ativamente no processo de formação do público, da opinião pública e da postura de outros campos sociais. O jornalismo é considerado em sua complexidade, na amplitude do seu conceito, envolvendo não apenas as atividades dos jornalistas, mas também o exercício público do conhecimento jornalístico e os investimentos que



diferentes atores sociais realizam para transmitir seus interesses como informação jornalística. O reconhecimento da atuação e interferência do jornalismo na realidade depende do olhar a partir dos estudos em jornalismo, com conceitos pertinentes a esse campo de saber.

(5) E o jornalismo pode ser estudado historicamente enquanto lugar de questionamento teórico e epistemológico. O pesquisador torna o exercício histórico auxiliar para elucidar conceitos e notar a emergência de teorias conforme o contexto em que se insere a atividade. As pesquisas indicam uma postura teórica que privilegia a formação desse campo de saber e busca utilizar e cunhar conceitos pertinentes à área a partir do estudo do fenômeno jornalístico ao longo da história. Assim, busca-se entender como a prática profissional, social, cultural e teórica ao longo da história referenda um exercício epistemológico e teórico para a constituição de conceitos capazes de contribuir para o entendimento do campo jornalístico.

Existe ainda uma última categoria para aqueles trabalhos que não se encaixam nas classificações acima e que tratam, principalmente, do modo como a história é trabalhada pelo profissional jornalista em determinadas notícias históricas.

Interessante notar na tabela 3 como é alto o número dos resumos de teses que indicam o jornalismo como meio de pesquisa para interesses de outras disciplinas (23 casos) ou como são escassas as pesquisas na história do jornalismo para a constituição de conceitos para o jornalismo (inicialmente quatro pesquisas).

**Tabela 3: Distribuição das teses entre as categorias**

	(1) Como testemu nha	(2) Biografi as/ história de jornais	(3) Prática profissio nal /produç ão	(4) Interfe re no contex to	(5) Exercíci o teórico e conceit ual	Outras	Total
PUC-RS	01	-	01	-	-	-	02
PUC-SP	12	04	04	-	-	-	20
UFBA	01	01	01	-	01	-	04
UFRGS	01	-	-	-	-	-	01
UFRJ	03	01	04	05	-	02	15
UMESP	-	07	02	-	-	-	09
UNICAMP	01	-	-	-	-	-	01
USP	06	06	04	10	03	01	30
TOTAL	25	19	16	15	04	03	82

Das cinco categorias, foram selecionadas as teses que consideram o jornalismo em seus resumos e títulos conforme as categorias "3" (16 teses), "4" (15 teses) e "5" (04 teses). Compreende-se que, para o exercício proposto, tais categorias são mais estratégicas para o mapeamento de conceitos e métodos. Justifica-se a





seleção porque essas pesquisas não possuem o destaque maior para a memória e registro e não colocam o jornalismo numa posição terceira, de comprovação de um interesse outro. Perante tal perspectiva, considera-se que é preciso avançar diante de posturas já referendadas ao jornalismo como o do seu reconhecimento como documento histórico e também diante dos estudos descritivos que resgatam a memória. Isso não significa que não haja pertinência nas teses preteridas, mas que, metodologicamente, o potencial é maior nas selecionadas. Assim, através dos resumos, dos títulos e das palavras-chave foram selecionadas 31 teses para composição do *corpus* – sendo que outras 4 não estavam disponíveis no período da investigação. Cada tese desse conjunto do material-empírico foi estruturada em fichas com **resumo, objeto, problema, hipótese, referenciais teóricos, procedimentos metodológicos e autores de referência**. A partir de várias leituras e cruzamentos chegamos a informações reveladores das estratégias teórico-metodológicas das teses em história do jornalismo, bem como o modo como o jornalismo é trabalhado nesses estudos.

### 3. Considerações finais

O aprofundamento nas estratégias teórico-metodológicas das teses teve o propósito de comprovar as tendências teóricas verificadas nos resumos, bem como estudar de que maneira o conceito de jornalismo proposto pelos pesquisadores determina o recorte do objeto da pesquisa, problematização, hipóteses e, principalmente, a vinculação do objeto de estudo da pesquisa ao objeto de estudo do jornalismo como campo de saber.

Expondo aqui de forma bastante sucinta, foi possível observar na verificação dos problemas e hipóteses que em muitos casos os aspectos tratados do jornalismo não se integram a conceitos e teorias que dêem conta de sua complexidade como objeto de estudo. O trabalho com as características de um produto (jornal, revista, etc.), com o estudo de políticas editoriais de jornais de um determinado período ou mesmo com um gênero ou conjunto textual faz com que muitas teses reduzam o conceito de jornalismo a esse recorte do universo estudado, tratando aspectos parciais como características gerais de todo o campo. Em outros casos, naqueles em que o direcionamento teórico advém de outras disciplinas que vêem o jornalismo conforme seus interesses, o jornalismo não é trabalhado nas premissas teóricas. Com isso abre-se espaço para que outra área exerça o papel de criticar o produto jornal colocando a pretensão teórica do jornalismo à margem.

Ao se analisar os procedimentos teóricos e metodológicos citados pelas teses como basilares da pesquisa, nota-se a presença de conceitos e autores de outras áreas de conhecimento, principalmente das ciências da linguagem e da sociologia. O que fica evidenciado, no diálogo entre procedimentos metodológicos e opções teórico-conceituais, neste exercício de compreensão do jornalismo, é que grande parte das teses em história do jornalismo produzida no Brasil não consideram a Teoria do Jornalismo. O objetivo de muitos pesquisadores é desvalorizar o jornalismo focando na dimensão ideológica e profissional derivando dessa crítica a desqualificação para a existência de uma teoria do jornalismo ou mesmo para estudos que levem em conta



uma autonomia desse campo. Isso acontece, na nossa avaliação, por um conjunto de fatores:

- a) O jornalismo não é pensado como teoria ou como um lugar teórico possível para se pensar o fenômeno do jornalismo.
- b) Os pesquisadores utilizam referenciais teóricos de outras áreas, realizando cortes no objeto de análise que não levam em conta a dinamicidade possível do objeto de estudo.
- c) Muitas das teorias do jornalismo existentes - quando usadas como referências por esses trabalhos - limitam-se a descrever o jornalismo em sua prática profissional e deontológica; ou elegem um gênero como mais importante/ central para o jornalismo, ou desqualificam totalmente o jornalismo como possível espaço para o conhecimento.
- d) A insuficiência de estudos que apliquem determinado referencial teórico para explicitar uma prática jornalística do passado e que fazem dessa explicitação um caminho possível para alargar o entendimento sobre o jornalismo.

No entanto, os resultados da pesquisa também possibilitam a ampliação dos conceitos possíveis para entender esse campo, tornando produtivo o confronto com as propostas existentes para uma teoria do jornalismo. Primeiramente, pela variedade temática, o que demonstra a diversidade de manifestações do jornalismo, exigindo em contrapartida o alargamento do conceito de jornalismo para a observação, estudo e conceituação desses aspectos. Segundo, pela importância comprovada para a nossa área de saber da realização de perguntas de pesquisa que levem em consideração a teoria do jornalismo, ou mesmo a tentativa de constituir conceitos compreensivos e operacionais que auxiliem o campo. Nota-se ainda que o estabelecimento de premissas, pressupostos, variáveis ou hipóteses podem servir não para alijar a investigação, mas para “ampliar o questionário” nos termos que Veyne propõe – ou seja, dirigir ao passado perguntas e pressuposições que revelem novos acontecimentos e fatos e que, através da explicitação, ajudem a compreender o jornalismo. Já quanto à abordagem teórica, é possível perceber que algumas combinações conceituais reduzem o jornalismo a aspectos de sua manifestação e outras o valorizam pela revelação da multiplicidade de aspectos que o compõem enquanto conceitos, temas ou modos de problematização.

Retomamos algumas de nossas hipóteses nessa pesquisa: a estratégia ou percurso metodológico do autor é definido em virtude da concepção que ele constrói de jornalismo; a fundamentação teórica nas pesquisas em história do jornalismo é realizada por uma terceira disciplina que fornece os conceitos e métodos necessários para a realização da pesquisa; isso acontece devido à capacidade da história de se articular com outros campos e dos poucos conceitos e teorias propriamente jornalísticas. Nas teses em história do jornalismo dos programas de pós-graduação em comunicação, nota-se que a teoria do jornalismo encontra pouco espaço. Consequentemente, torna-se comum a utilização de conceitos e fundamentações teóricas de outros campos que não jornalismo e história.

No caso das pesquisas aqui estudadas, a maioria das teses traz referências a conceitos das ciências da linguagem. A sociologia é requerida nos estudos no fornecimento de alguns conceitos, em especial para analisar a redação jornalística, os



comportamentos dos profissionais ou a relação com o contexto da sociedade (principalmente partidos políticos, sindicatos, intelectuais etc.). Exemplo desses conceitos: “instituição”, “imaginário”, “ação social”, “práxis”. A política é trabalhada como campo auxiliar de muitas pesquisas, de diferentes maneiras: a relação do jornalismo com o estado, a militância política, partidos políticos, ideologias etc. Além disso, praticamente todos os trabalhos que se propõem a realizar uma contextualização histórica do objeto estudado mencionam o político que estava no governo, a situação política do país, as interferências de ações governamentais. Nessa conjuntura política outra área relacionada é a economia, principalmente relativo a projetos de industrialização, políticas públicas, situação administrativa das empresas, clientelismo, potencial de consumo do público etc.

Evidencia-se aqui que não se toma como problemático o pesquisador trabalhar com conceitos de outras áreas acadêmicas. As articulações com outras disciplinas enriquecem os trabalhos em história do jornalismo. O que traz complicações para essa articulação é a não preocupação do pesquisador em estabelecer conceitos para o jornalismo ou tentar pensar o jornalismo com referenciais das teorias do jornalismo. Entende-se que apenas dessa forma é possível falar de um campo epistemológico que busca sua construção. Os pesquisadores em jornalismo costumam ir até outros campos do conhecimento e não voltar para contribuir conceitualmente com o jornalismo. Nesses casos não se trata de pesquisas interdisciplinares, mas “extradisciplinar”, de outra área.

Como é possível observar no percurso teórico-metodológico das teses, em sua maioria, a relação jornalismo e história é complementada pelo referencial teórico e procedimentos metodológicos advindos de outras áreas de saber. O jornalismo é o objeto de trabalho que serve de parâmetro para o recorte do objeto. As perguntas direcionadas ao objeto por vezes não colocam o jornalismo como objeto de estudo, uma limitando-se os pesquisadores a conceituá-lo a partir apenas do objeto empírico analisado. Algumas pesquisas tomam os grandes jornais e empresas jornalísticas como único parâmetro para o conceito de jornalismo. O que se verifica ainda é que o modo de conceituar o jornalismo retira-o da hipótese. Isso acontece, por exemplo, quando o pesquisador acredita refutar o jornalismo criticando determinado jornal, um aspecto da ideologia profissional ou ainda conceitos como objetividade e neutralidade (próprios da notícia diária). Outra maneira de compreensão que prejudica o entendimento do jornalismo são trabalhos que realizam análises narrativas e discursivas apenas para criticar o jornalismo, mas sem notar que o próprio jornalismo constitui-se como narrativa. O pesquisador passa algum tempo descrevendo as teorias semiológicas para, ao fim, chegar à conclusão de que o jornalismo não é totalmente objetivo e que precisa ser encarado como uma narrativa. Se a demarcação dessa falha nas teorias do jornalismo é importante (o fato de não pensar o jornalismo como uma narrativa), o momento da teoria passa a ser o de perceber quais as particularidades do jornalismo como narrativa.

Outro aspecto a se destacar é que o jornalismo ganha força como objeto de análise da história do jornalismo quando o objeto empírico traz maior complexidade para o conceito de jornalismo. O que se observa é que por falta de referentes teóricos ou de trabalhos de conceituação, o conceito de jornalismo precisa em demasia do objeto empírico analisado. As mudanças que acontecem nas redações, os conceitos



trabalhados por jornalistas, as mudanças proporcionadas por novas tecnologias, a inserção e o contexto político em sua relação com as empresas jornalísticas em um dado período acabam gerando os conceitos de jornalismo. Resultado disso é que algumas pesquisas tomam a realidade empírica analisada como conceito válido para todo o jornalismo. Conceito que se esgota conforme muda o objeto, passa o tempo ou evolui o meio.

Como última consideração, reafirmamos que a relação entre história, jornalismo e outra disciplina, no âmbito do interesse jornalístico, é estratégica para a pesquisa epistemológica, pois o modo como o jornalismo participa dessa relação é consequência dos conceitos de e sobre o jornalismo. A história consegue auxiliar o campo jornalístico somente quando o pesquisador atenta-se para o esforço epistemológico de sua pesquisa. As escolhas metodológicas, os modos de encarar o objeto, de formular perguntas e hipóteses são intrínsecos ao lugar atribuído ao jornalismo nessas pesquisas.

A história do jornalismo, diante dos aspectos considerados, é importante para as teorias do jornalismo. Serve para demonstrar que o jornalismo não pode pautar suas concepções apenas no presente da prática. Que diante da diversidade de manifestações jornalísticas, não devemos restringir o conceito a apenas parte do jornalismo. Que sua pesquisa não deve furtar-se da atividade de conceituar, de esclarecer, de iluminar aspectos da teoria e da prática que não estão entendidos. A história do jornalismo tem potência para contribuir na fundamentação teórica do campo do Jornalismo se as pesquisas conseguem ir além da recuperação de memórias de jornalistas, resgate histórico da imprensa, biografias de fundadores de jornais ou tratamento das publicações jornalísticas como documento para investigações com interesses em outras áreas do conhecimento. A aproximação dos estudos jornalísticos com a historiografia pode ousar no fortalecimento do Campo Jornalístico, trazendo novas compreensões para questões tradicionais ou emergentes da prática e da teoria do jornalismo.

#### 4. Bibliografia

(parte das leituras que nos orientaram nas análises das teses)

BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula G. **O que a história pode legar aos estudos em jornalismo?** Contracampo: revista do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação. Niterói: Universidade Federal Fluminense, v.12, p.51-61, 1 semest 2005 .

BERGER, Christa. (2001). A pesquisa em comunicação na América Latina. Hohlfeldt, A., Martino, L.C. e França, V. V. (orgs). In: **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes.

BRAGA, José Luiz. "Lugar de Fala" como Conceito Metodológico no Estudo de Produtos Culturais. Texto apresentado no V Encontro Anual da Compós. São Paulo: ECA/USP, 1996

\_\_\_\_\_. Constituição do Campo da Comunicação. In: FAUSTO NETO, Antônio; PRADO, José A.; PORTO, Sergio D. **Campo da comunicação**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.



DUARTE, Jorge e Antonio Barros (2006). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação** São Paulo: Atlas, 2006.

FOUCAULT, Michel (1966). **As Palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002

GARDINER, Patrick (1959). **Teorias da História**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

GENRO FILHO, Adelmo. **Segredo da pirâmide**: Para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, 1987.

HOHLFELDT, Antonio e Aline Strelow (2007). Metodologias de pesquisa: o estado da arte no campo do jornalismo – os núcleos de pesquisa da Intercom. V Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, Aracaju, Se, 2007.

LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (1974). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

LOPES, Maria I. V. (org) (2003). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. Sobre o Estatuto Disciplinar do campo da Comunicação. In: **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

MALDONADO, Alberto E (2003). Explorações sobre a Problemática Epistemológica no Campo das Ciências da Comunicação. In: LOPES, Maria I. V. (org). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Editora Loyola, 2003 p. 205-225.

MELO, José Marques de (2007). **Pensamento jornalístico: a moderna tradição brasileira**. São Paulo: Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 30, n. 02, jul/dez 2007, p. 15-40.

RICOUER, Paul (1983). **Tempo e narrativa** -tomo 1. Campinas (SP):Papirus Ed, 1994.

ROMANCINI, Richard (2007). História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisas. In: LAGO, Cláudia; MACHADO, Márcia Benetti (org). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2007, p. 23-47.

SANTAELA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker, 1999.

SILVA, Gislene e PONTES, Felipe S. **Teorias da notícia: impasses para a teoria do jornalismo**. São Bernardo do Campo (SP): VI Encontro da SBPJOR, 2008.

SILVA, Mário Camarinha; Cavalcanti, Ilce G. **Catálogo das Teses e Dissertações**. Rio de Janeiro: Biblioteca da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), 1989.

SOUSA, Jorge Pedro (2004). **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia**. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2004.

STUMPF, Ida; CAPPARELLI, Sérgio (org). **Teses e dissertações em Comunicação no Brasil: Resumos 1992-1996**. Porto Alegre: PPGCom/ UFRGS, s/d. Disponível em [www.ppgcom.ufrgs.br](http://www.ppgcom.ufrgs.br).

\_\_\_\_\_. **Teses e Dissertações em Comunicação no Brasil: Resumos 1997-1999**. Porto Alegre: PPGCom/ UFRGS, 2001.



STUMPF, Ida; ROCHA, Rafael; VANZ, Samile. **Teses e dissertações em Comunicação no Brasil: Resumos 2000-2002**. Porto Alegre: PPGCom/ UFRGS, s/d. Disponível em [www.ppgcom.ufrgs.br](http://www.ppgcom.ufrgs.br).

\_\_\_\_\_. **Informação e conhecimento no jornalismo**. In: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol 2, nº 2. Florianópolis: Insular, 2005.

VEYNE, Paul (1971). **Como se escreve a História**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.

\_\_\_\_\_. (1974) **A história conceitual**. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988, p. 65-88.

WILKERSON, Marcus M. History and Journalism Research. In: NAFIZIGER, Ralph O; WILKERSON, Marcus M. **An introduction to Journalism Research**. New York: Greenwood Press Publishers, 1968, p. 09-25.

ZELIZER. Barbie. **Taking journalism seriously: News and the academy**. London: Sage, 2004.



Red de Historia de los Medios

<http://www.rehime.com.ar>

<http://www.youtube.com/rehimeargentina>